

A mediação cultural através das mídias digitais: o papel do intelectual mediador na produção e compartilhamento de conteúdos na *Internet*¹

Cultural mediation through digital media: the role of the mediating intellectual in the production and sharing of content on the Internet

Mediación cultural a través de los medios digitales: el papel del mediador intelectual en la producción y compartición de contenidos en Internet

Pedro Jardel Fonseca Pereira²

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir como o editor de *sites* de mídias digitais – aquele que produz e compartilha conteúdos na *Internet* – pode ser compreendido como intelectual mediador, conforme o entendimento de “Mediação Cultural”, das autoras Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen. É um conceito novo que tem sido discutido no campo da história intelectual. Fizemos uma breve retrospectiva sobre o surgimento e estabelecimento da História Intelectual na França, também alguns apontamentos sobre as definições e discussões a respeito do termo intelectual.

Palavras-chave: História intelectual; Mediadores culturais; Editor de mídias digitais.

Abstract: This article aims to reflect on how the editor of digital media sites – the one who produces and shares content on the Internet – can be understood as an intellectual mediator, according to the understanding of “Cultural Mediation”, by the authors Angela de Castro Gomes and Patrícia Hansen. It is a new concept that has been discussed in the field of intellectual history. We did a brief retrospective on the emergence and establishment of Intellectual History in France, as well as some notes on the definitions and discussions regarding the term intellectual.

Key words: Intellectual history; Cultural mediators; Digital media editor.

¹ O tema da mediação cultural através da atuação do intelectual mediador cruzou nosso caminho justamente no período em que estávamos trabalhando num artigo sobre *sites* de redes sociais como fonte de documentos digitais, lugar de memórias e sociabilidades. Nesse ínterim, tivemos uma aula, numa disciplina ministrada pelos professores Ronaldo Pereira de Jesus e Cláudia M. R. Viscardi, no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, com a professora convidada Ângela de Castro Gomes, cujo tema foi *Intelectuais Mediadores*, em súpula, bebemos na fonte do conceito.

² Doutorando em História Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: pedrojardelpereira@gmail.com

Introdução

Quando pensamos em *sites* de mídias digitais, será que pensamos no papel exercido pelo editor, o responsável pelo que é postado na rede? Já que essa ação demanda um trabalho de pesquisa sobre os conteúdos compartilhados, no qual são empregados método, linguagem e estratégias e gestão das redes, entre outros; além da função de organização, como a digitalização de fotografias, documentos, contato com colaboradores, realização de entrevistas, escrita de artigos, produção e edição de vídeos, entre outros, e atuar como moderador da mídia ou das mídias.

A função do editor nos faz pensar naquela exercida por alguns intelectuais, conceituados por Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen³ como mediadores culturais, e que abrange algumas práticas específicas e complexas que são desempenhadas por determinados sujeitos ou instituições na sociedade, como quem atua na edição (de livros, revistas, coleções); na tradução; na crítica (literária, artística), nas mídias digitais, entre muitas outras.

Para a análise proposta da mediação cultural através da atuação do criador e editor de conteúdos para a *Internet*, nossa intenção não é recortar apenas o trabalho de um mediador específico, ou apenas uma mídia digital, entendemos que seja pertinente demonstrar alguns exemplos no campo da História, nomeadamente. A discussão é realizada a partir do seguinte problema: é possível compreender a atuação dos editores de mídias digitais como intelectuais mediadores na perspectiva da mediação cultural de Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen?

Previamente, a resposta a esse questionamento apresentado é afirmativa, pois, para que um sujeito seja um intelectual mediador, é preciso estar conectado com projetos político-culturais, como foi constatado no trabalho dos editores de mídias digitais. Contudo, o trabalho de mediação/divulgação, durante muito tempo, segundo Gomes⁴, foi excessivamente desvalorizado de maneira geral pela sociedade, tido como algo menor. Consequentemente, os intelectuais que estavam ligados a essa modalidade também eram considerados como

³ GOMES, Angela de Castro e HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016.

⁴ GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos "Intelectuais mediadores": entrevista com a Angela de Castro Gomes*. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020. ISSN: 2674-5917.

“menores”. Sua função foi vista como algo simples, fácil, que rebaixava seu conhecimento diante de uma hierarquia, em que esses não eram notados como verdadeiros intelectuais.

Os mediadores que citamos são pesquisadores/professores e possivelmente desempenham a função de intelectual mediador em mais de um espaço, no entanto, de modo específico, nos detivemos aqui em suas atividades que são realizadas para as mídias digitais. O que não significa que eles não sejam também intelectuais criadores na perspectiva clássica, a qual demonstramos, *a posteriori*, mas não é nosso objetivo adentrar no tema em relação a esses sujeitos em discussão. Nosso foco é a atuação desses, seja na produção de conteúdos, na organização de eventos ou nos contatos com autores e entrevistados, fazendo a mediação do conteúdo que será compartilhado por meio das postagens na *Internet*. Nesse sentido, faremos uma revisão bibliográfica sobre o tema em discussão, embora utilizaremos informações sobre os sites de mídias sociais, elas serão empregadas no sentido exemplificar a análise.

Segundo Gomes⁵, existem os agentes produtores do conhecimento em nível científico, como um médico ou um historiador, mas também há aqueles que são mediadores culturais que podem atuar, inclusive, na elaboração de programas para as mídias sociais. Assim, nos ocuparemos com o tema do editor de *sites* de redes sociais como um intelectual mediador. Entendemos também que essa abordagem se justifica devido à sua relevância, uma vez que ela considera os trabalhos realizados pelos editores de mídias digitais que, no caso do nosso recorte, atinge uma mediação realizada por historiadores ou outros conteúdos ligados à área de História. Uma oferta que se mostra fundamental, sobretudo no contexto político atual, de negacionismo e/ou revisionismo do conteúdo histórico⁶.

⁵ GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos “Intelectuais mediadores”*: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020. ISSN: 2674-5917.

⁶ Como enfatizam Denise Rollemberg e Janaina Martins Cordeiro, “o negacionismo é funesto e obscurantista, a própria negação da História”. Assim como, o revisionismo que, segundo as autoras, trata-se de uma maneira de agir no tempo presente por meio de batalhas políticas e ideológicas, “por vezes, negando crimes ou determinados eventos históricos; minimizando ou relativizando sua importância ou as responsabilidades do Estado e da sociedade” (ROLLEMBERG; CORDEIRO), além do aumento de extremismo de direita e conservadorismo. Não podemos esquecer, também, a propagação de *fake news*, algo que não é tão incomum na rede. Essas Manifestações atentam contra a memória, liberdade, os direitos humanos e a vida. Nesse sentido, os conteúdos mediados os quais analisamos são fontes acessíveis ao público, não só de informação, mas também de esclarecimento, isto é, uma resposta concreta a toda essa conjuntura negacionista, revisionista e conservadora. ROLLEMBERG, Denise; CORDEIRO, Janaina Martins. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. *História, histórias*, vol. 9, nº 17, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/download/36429/30706/111917>. Acesso em: 23 out./ 2021. p. 61.

A história Intelectual: breves apontamentos

Um ponto de partida que nos pode auxiliar quanto ao entendimento da discussão em curso é o panorama da História Cultural, ainda no século XIX, quando estava em vigor a história positivista, voltada em grande parte para os eventos e nomes envolvidos com a política. A prática da História Cultural durante esse período ocorria, no entanto, sempre às margens dos temas valorizados pelas universidades. O que, para François Sirinelli, “era muito mais uma questão de ausência de olhar que descrédito”.⁷ A partir da década de 1970, surge então o que Peter Burke⁸ nomeia de Nova História Cultural, que além de receber influência, por exemplo, da antropologia e da sociologia, passa a valorizar temas antes desprestigiados pelos historiadores econômicos.

É nessa nova conjuntura que a História Intelectual e a História dos intelectuais alcançam notoriedade. Esse novo campo, a partir da década de 1970, segundo Sirinelli⁹, mostrou-se autônomo e aberto, o qual se estabeleceu no cruzamento da história política, social e cultural.

Especificamente foi a partir do caso Dreyfus, um oficial judeu pertencente ao exército francês e condenado por traição por ser um espião a serviço da Alemanha, que a História Intelectual se estruturou. Nessa conjuntura, Émile Zola publicou o texto *Jaccuse*, em 1898, no *Jornal Aurore*, denunciando a conspiração contra Dreyfus, delatando os equívocos jurídicos daquele caso. Esse foi, assim, o ponto de partida para a definição do papel do intelectual. O artigo serviu de base para um manifesto intelectual, o qual foi assinado por escritores, diversos artistas e professores universitários, fundado no direito institucional de petição. A tomada de posicionamento a partir desse episódio foi marcada pelo engajamento dos intelectuais como necessidade de enunciar a verdade, combater a mentira e o erro jurídico como um dever moral, uma vez que Dreyfus foi, posteriormente, considerado inocente.

Relativo à categorização, Norberto Bobbio¹⁰ menciona que existem alguns critérios para que um grupo seja classificado como intelectual, entre eles, o engajamento e a função social. Sendo assim, é aquele que escreve, que manipula símbolos; seu instrumento de

⁷ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 232.

⁸ BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

⁹ SIRINELLI, op. cit.

¹⁰ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

trabalho é a ideia. Em sua tipologia, esse autor¹¹ define o intelectual-ideólogo, que é aquele que pensa de acordo com um objetivo próprio e fornece princípios-guias; e o intelectual-experto, que é alguém que detém um conhecimento técnico, que é empregado na resolução de problemas.

Outro autor que também alerta para a dificuldade de definir de maneira precisa a História Intelectual e seu objeto é Roger Chartier¹², que menciona as variações diversas de contexto, tempo e local, que dificultam que o objeto e o campo histórico sejam apreendidos. Essa dificuldade, contudo, pode ser resolvida pelo historiador no estudo dos percursos, lugares e engajamentos. Nesse sentido, a função do intelectual deve ser entendida não só pela produção textual, mas também por sua inserção e participação nos eventos.

História digital: demandas e possibilidades teórico-metodológicas

O presente artigo também é fundamentado nos conceitos da História Digital. Inclusive, alguns estudos mais recentes têm advertido os historiadores para a urgência dos debates que podem e devem ser suscitados nesse campo, sobretudo no aspecto teórico-metodológico. Para Alexandre Fortes e Leandro Guimarães Marques Alvim,¹³ é necessário romper a lentidão com a qual a tecnologia digital, *softwares* e os equipamentos eletrônicos são incorporados ao trabalho dos pesquisadores. Embora, segundo os autores, essa realidade, de alguma maneira, já faz parte do trabalho do historiador. Ainda que eventualmente, já estão presentes os recursos, como imagens, planilhas digitais e os diversos *softwares* na realização das atividades. E outros, como

gerenciadores de referências bibliográficas, bancos de dados, ferramentas de georreferenciamento e programas de suporte à análise qualitativa passam a ser também incorporados como importantes ferramentas de trabalho. As instituições de ensino e pesquisa adotam cada vez mais sistemas integrados de gestão acadêmica e administrativa. A participação em simpósios, a publicação de artigos, a divulgação dos currículos, a obtenção de financiamento, a gestão de programas de pós-graduação e a participação em

¹¹ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

¹² CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

¹³ FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. *Revista: Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 207-227, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e68270>. Acesso em: 01 out./ 2021. p. 109.

associações científicas são todos mediados por plataformas online. Identificadores permanentes de autores e publicações, como International Standard Book Number (ISBN), International Standard Serial Number (ISSN), Digital Object Identifier (DOI) e Open Researcher and Contributor ID (ORCID) tornam-se cada vez mais familiares¹⁴.

Os autores acrescentam ainda que, na *Internet*, é possível encontrar enorme diversidade de fontes históricas.

As câmeras digitais e os *scanners* passaram a ocupar o lugar das fichas e dos cadernos utilizados para anotações, quando, por exemplo, há demanda de realizar uma pesquisa em um arquivo físico. A interação entre os historiadores já ocorre em nível global, assim como com os alunos e o público de maneira geral, por meio de *e-mails*, redes sociais e das diversas plataformas nas quais são realizadas as videoconferências – muitas dessas foram pensadas justamente para o uso acadêmico. E ainda: “A construção de sítios eletrônicos e *blogs*, a divulgação de vídeos didáticos e *podcasts* passaram a ser instrumentos cada vez mais relevantes de divulgação científica e de história pública”¹⁵.

As possibilidades anteriormente mencionadas foram impulsionadas com as mudanças advindas da Web 2.0, ou seja, a *Internet* interativa. A tecnologia da informação digital está interconectada por meio da rede, que é definida por Manuel Castells¹⁶ como “um conjunto de nós [nó] interconectados”. O autor ainda afirma que,

dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, ou a mesma distância, entre os nós. Portanto, a distância (física, social, econômica, política, cultural) para um determinado ponto ou posição varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto externo à rede). A inclusão-exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades.¹⁷

¹⁴ FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. *Revista: Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 207-227, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e68270>. Acesso em: 01 out./ 2021. p. 109.

¹⁵ FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. *Revista: Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 207-227, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e68270>. Acesso em: 01 out./ 2021. p. 109.

¹⁶ CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 1999. p. 566.

¹⁷ CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 1999. p. 566.

Esse é um termo mais comumente empregado na conjuntura atual da *Internet* e do ciberespaço, embora esse já fosse utilizado antes em mercado de bolsa de valores, instituições financeiras, sistema de televisão e outros¹⁸.

A *Internet* desde a sua gênese foi vista como algo positivo, a qual traz consigo uma conjuntura de potencialidades, consoante Pierre Lévy, no entanto, o autor enfatiza que não se deve esperar que essa resolva nossos problemas de forma mágica. Destaca ainda que “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as suas potencialidades mais positivas, seja no plano econômico, político, cultural e humano”¹⁹.

Foi a partir da *Internet* interativa, por volta do ano 2000, que surgiram conceitos os quais Lévy denomina de ciberespaços, ou “rede”, que é a comunicação advinda da interconexão de computadores em nível mundial. Não apenas em relação à estrutura física, mas também aos dados que nela podem ser identificados e aos internautas que a alimentam de informações. Nesse contexto, as relações e práticas estipuladas a partir dessa foi chamada de cibercultura por Lévy, que é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”²⁰.

O autor²¹ também destaca a presença da digitalização da informação e os hipertextos; esse último ocorre quando o usuário acessa um conteúdo na *Internet* e continua essa navegação por meio de novos *links*. Realça ainda que a *Internet* tornará cada vez mais um lugar não só de comunicação, mas também de memória da humanidade.

O papel do Intelectual mediador como divulgador do conhecimento e as mídias digitais

A categoria de Intelectual é composta, segundo Gomes e Hansen, pelos “sujeitos identificados como criadores ou produtores de conhecimento científico, artístico, etc. que estariam fazendo algo considerado ‘original’”²². Dessa maneira, as autoras propõem a tese do

¹⁸ RENDEIRO, M. E. L. S. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo. v. 47, n3, p.256-262, set/dez 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/93821299009.pdf>. Acesso em 01 out./ 2021.

¹⁹ LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 06.

²⁰ LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 06.

²¹ LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 06.

²² GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos “Intelectuais mediadores”*: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020.

intelectual mediador, apresentada e discutida no livro, do qual elas são as organizadoras e que reúne diversos autores: *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*.

Segundo Gomes e Hansen²³, o grupo composto por elas e outros colegas, há alguns anos, tem-se debruçado sobre um ponto-chave na história dos intelectuais, que é a questão das redes de sociabilidades, às quais os intelectuais estão ligados. Em outro artigo, Gomes *et al.* destacam o papel do intelectual mediador como divulgador ou vulgarizador do conhecimento:

Uma das contribuições importantes dessa abordagem é a maneira como se define (ainda que de forma fluida) a figura do intelectual. Entendido como um sujeito histórico que se envolve na produção cultural de bens simbólicos, sendo reconhecido por sua comunidade de pares, o intelectual, em uma acepção mais ampla, também é aquele que se volta para práticas culturais de difusão e transmissão, ou seja, que faz “circular” os produtos culturais em grupos sociais mais amplos e não especializados, razão pela qual pode ser identificado, entre outras possibilidades, como vulgarizador ou divulgador²⁴.

Em síntese, a mediação ocorre por meio dos agentes que são os responsáveis pelas “pontes e passagens” que estão situados nos mais diversos códigos culturais.²⁵

Segundo Gomes e Hansen²⁶, mediação cultural se trata especificamente de criar algo novo, que seja “intercultural”, “quer dizer, algo que se comunica com mais de um espaço ou grupo sociocultural, sendo um ‘terceiro elemento’”. O resultado da criação do mediador é híbrido, não no sentido de ser desorganizado e impreciso, ao contrário, esse “produto misturado” possibilita o estabelecimento de comunicação com um público novo e diversificado. E sua complexidade não deve ser minimizada, muito menos banalizada, ou seja, é um trabalho que de fácil nada tem.

O *Café História* é um dos exemplos em que, na nossa opinião, ocorre a mediação. O *site* foi colocado no ar em 2008 por Bruno Leal Pastor de Carvalho, fundador e editor, que

²³ GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos “Intelectuais mediadores”*: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020.

²⁴ GOMES, Angela Maria de Castro; KODAMA, Kaori; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. *Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura*. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 34, n. 66, p. 593-600, set/dez 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/YSb994PgNBnjG7PCCmpCb6L/?lang=pt>. Acesso em: 26 out./ 2021. p. 594.

²⁵ “Nessa acepção, o conceito de intelectual é, como todos os conceitos políticos e sociais, fluido e polissêmico (KOSELLECK 2004). Não obstante, demonstra ser de grande proveito e potencial para a reflexão teórica enquanto categoria de análise, o que fica evidente pelos diversos autores que dele se aproximam a partir de variadas perspectivas”. Cf. GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016.

²⁶ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016.

tem formação em História pela UERJ, graduação em jornalismo pela UFRJ e é pós-graduado; Bruno Leal atualmente é professor adjunto de História Contemporânea na Universidade de Brasília (UnB). O *Website* conta também com a colaboração das mediadoras Ana Paula Tavares, que é a subeditora desde 2017, e, atualmente, da estagiária Thaís Pio Marques, com o propósito de atuar na divulgação científica, assim possibilita ao internauta acessar conteúdos científicos históricos sem abrir mão da perspectiva historiográfica.

A periodicidade das publicações do *Café História* é semanal. Textos inéditos, como artigos, entrevistas, bibliografias, são publicados nas segundas-feiras, e de terça a sexta-feira, o *site* traz notícias diversificadas sobre História. Em relação aos colaboradores e colaboradoras, segundo Bruno Leal, são especialistas reconhecidos no tema que é compartilhado.

Outra atuação na qual percebemos a mediação cultural na *Internet* é o trabalho realizado por Paulo Cesar Gomes, que é Historiador e pós-doutorando pela Universidade Federal Fluminense (UFF). O professor é fundador e editor-chefe do projeto: *História da Ditadura*, veiculado em *website*, no *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*, e conta com a colaboração dos seguintes mediadores: o historiador e editor Carlos Benítez Trinidad, o colunista Alberto Rafael Ribeiro Mendes e o colaborador formado em comunicação social, Guilherme Libardi.

Todos os conteúdos são produzidos por especialistas da área. Paulo Cesar Gomes também é um dos idealizadores e colaborador do *História em Quarentena*, um projeto que surgiu devido ao confinamento e afastamento físico durante a pandemia de COVID-19, com o intuito de aproximar as pessoas, discutir temas de interesse comum e divulgar o conhecimento histórico. O *Facebook* de Paulo Cesar Gomes é destinado à mediação cultural, além de uma intensa divulgação científica de eventos e conteúdos diversificados na área de História, o que demonstra sua atuação forte na divulgação da *História Pública*, sobre a qual faremos alguns apontamentos e indicações de leituras mais adiante.

Outro espaço digital em que igualmente podemos perceber a mediação cultural é no *site* e nas redes sociais da Associação Nacional de História (ANPUH). Essa se subdivide nas seções estaduais, em que podemos identificar divulgações por meio do *website* e das mídias digitais, sobretudo o *Facebook* e *Instagram*. O interessante é que, nesse caso, a mediação ocorre por intermédio não de uma pessoa, mas uma Instituição, ou, nesse caso, uma Associação.

Nas mídias digitais da ANPUH, a mediação ocorre por meio do compartilhamento de uma diversidade de conteúdos da área de História, de informações como chamadas para publicação de artigos e dossiês temáticos, lançamentos de revistas e eventos que reúnem historiadores, especialmente, os que são organizados pela ANPUH Nacional e pelas seções estaduais. O *site*, de modo semelhante, faz divulgação de diversas revistas científicas da área de História, como também da própria revista da Associação. Em relação ao *Facebook*, os compartilhamentos são em grande parte sobre eventos.

Um dos modelares que temos de mediação cultural na área de humanidades, mormente da História por meio de *podcasts*, é o *Leitura Obriga HISTÓRIA*. O *site* foi criado por Icles Rodrigues, que é historiador e, no momento, doutorando na Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto inicial era um canal no *Youtube*, em 2015, cujo foco era oferecer dicas de leituras para estudantes, professores e o público em geral interessado no tema.

Em 2019, o trabalho de mediação cultural demonstrou sua capacidade de inovação e passou a contar com uma nova plataforma que é o *História FM*, e começou produzir *podcasts* que tratam de temas diversificados da disciplina de História. Os programas com tema históricos produzidos por Icles Rodrigues podem ser ouvidos em todas as plataformas que prestam esse serviço, como o *Spotify*, por exemplo. O trabalho também é divulgado nas redes sociais do *Instagram* e *Facebook*, além do *website* que é utilizado na divulgação do *Leitura obriga HISTÓRIA*.

Esses são exemplos de como os intelectuais mediadores inovaram, tanto no sentido da produção dos conteúdos divulgados quanto nos meios de “vulgarização” desses. O conteúdo da área de história, dessa maneira, pode chegar a um público diversificado e amplo de forma acessível e didática, inclusive com a possibilidade de optar pela mídia digital do seu agrado. Ou até mesmo adequar a diversas realidades, como no exemplo do *História FM*, que pode ser ouvido enquanto se desempenha outras atividades – algo que não é incomum no cotidiano de muitos brasileiros adeptos à tecnologia do rádio.

“A formação de uma consciência histórica” através da mediação cultural nas mídias digitais

Fato é que a *rede* está repleta de exemplos, como esses que mencionados no tópico anterior, também nas mais diversas áreas do conhecimento. A *Internet* e suas potencialidades

são imensuráveis, já enfatizado por Levy²⁷, e que devem ser exploradas por nós. É, também, um espaço o qual utilizamos na mesma velocidade que vão surgindo os hipertextos, pois, consoante Márcia Elisa Rendeiro, “é possível circular, trafegar informação, encontrar caminhos, seguir atalhos, navegadores, rotas ou links, abrir janelas e cruzar portais. Uma infinidade de espaços que aproximam os termos clicar e andar, sugerindo passos e definindo roteiros de navegação”²⁸.

Ler um artigo, assistir a vídeos, ver uma imagem e ouvir um *podcast* fazem-nos pensar em todo esse processo de elaboração e de sua contribuição para o público. E é exatamente para isto que o presente artigo tem se atentado: idealização, planejamento e produção desse tipo de conteúdo. Lembrar não apenas do autor de um artigo, de um entrevistado, mas destacar, inclusive, como forma de reconhecer a relevância do trabalho daquele que atua nos “bastidores”, na mediação para tornar possível certo produto final. Como tem feito Bruno Leal, Paulo Cesar Gomes, a ANPUH e Icles Rodrigues, e tantos outros mediadores que não citamos aqui, mas que possam sentir-se representados por esses exímios profissionais.

Como já foi referenciado anteriormente, destacamos que está longe de ser um trabalho considerado de menor importância, assim também não são os profissionais que atuam na mediação cultural, embora nem sempre aparecem quando visualizamos e consumimos os conteúdos mediados por eles. Mesmo quando são notados, do mesmo modo autores, entrevistadores, quando suas vozes são ouvidas num *podcast*, os internautas/público devem lembrar que ali se encontra o resultado final de um conteúdo que exigiu muitas vezes um trabalho hercúleo antes de ser postado na mídia digital.

As autoras Gomes e Hansen fazem o seguinte esclarecimento sobre a função do mediador e que entendemos que fundamenta nossa perspectiva de análise,

o trabalho do mediador, mesmo quando entendido como "simplificação/didatização" de códigos, linguagens e conhecimentos, nada tem de fácil. O simples adquire uma gama de significados complexos, assentados nas ideias de seleção e escolha cuidadosas; de uma depuração que torna precisos os sentidos mais importantes daquilo que se deseja comunicar, o que demanda competências e vivências específicas e especializadas²⁹.

²⁷ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

²⁸ RENDEIRO, M. E. L. S. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo. v. 47, n3, p.256-262, set/dez 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/93821299009.pdf>. Acesso em 01 out./ 2021. p. 257.

²⁹ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.32.

Para Gomes e Hansen³⁰, quando a mediação cultural é realizada, novos significados são criados. Isso ocorre quando os mediadores intelectuais se apropriam do preexistente, seja um texto, uma ideia, saberes e conhecimentos de forma geral, desse modo, sua produção se torna “outro produto cultural e singular”. Nesse sentido, afirmam as autoras sobre a função do mediador cultural que “aquele que se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de *experts*, tem que aprender a ser mediador”³¹. Esse é um aspecto que está intrinsecamente presente na atividade realizada pelos editores das mídias sociais, o qual, neste artigo, entendemos como mediador.

Para os que atuam nas mídias digitais, a linguagem é outro fator fundamental, pois a própria rede, ou ciberespaço, tem seus signos e códigos específicos, já que a linguagem digital é processada pela inteligência artificial que faz parte da *World Wide Web*³², além da linguagem utilizada na comunicação com o público. Essa é uma habilidade que o editor de mídias digitais não está isento de minimamente saber lidar e é o que vem sendo realizado de maneira bastante prática pelos mediadores apresentados. Mesmo os temas discutidos por especialistas e até assuntos complexos e sensíveis, como a história da Ditadura Militar, são apresentados de maneira acessível ao público geral. O que compreendemos que é fundamental e plausível a disponibilização de conteúdos instrutivos e inteligíveis a todos os públicos nas mídias digitais.

Não é em razão de ser um conteúdo produzido por especialistas da área que a linguagem apresentada nessas mídias digitais não seja acessível àqueles que não são os pares. O compromisso com a *História Pública*, nesse sentido, é visível. Em relação a esse método de construção e exposição do conhecimento, Bruno Leal no *Café História* oferece uma definição concisa:

Particularmente, eu entendo a História Pública como uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos não-especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos. A História Pública, desta forma, tem muitas moradas. E nisso, ao que me

³⁰ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.32.

³¹ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.18.

³² FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. *Revista: Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 207-227, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e68270>. Acesso em: 01 out./ 2021. p. 109.

parece, os historiadores parecem concordar: entende-se, hoje, que ela pode (e deve) ser feita nas ruas, na mídia, nos museus, nas galerias, nos arquivos, nas escolas, nas bibliotecas e até mesmo no interior de organizações privadas³³.

O autor faz ainda uma bibliografia comentada, destacando obras e autores que versam sobre o assunto, como o livro *História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários*, organizado por Ana Maria Mauad, Juniele Rabêlo de Almeida e Ricardo Santhiago³⁴. Essa é uma postura que vem sendo adotada por diversos historiadores, mas, sobretudo, os aqui categorizados como mediadores, os quais têm contribuído para o esclarecimento de questões atuais e urgentes de serem discutidas, como tem sido realizado.

Outro aspecto a que esses mediadores estão atentos, sob nossa percepção, é em relação à estratégia que a *Internet* demanda na divulgação e *marketing* do conteúdo digital; por exemplo, qual *site* ou plataforma são mais adequados a um determinado conteúdo, área do conhecimento ou público-alvo? O *YouTube* é um espaço que melhor se adapta à transmissão de vídeos, áudios, *podcasts* e eventos; o *website* hospeda uma variedade de conteúdo, como textos, entrevistas, artigos, *hipertextos*, *hiperlinks*. O *Facebook*³⁵, *Instagram* e *Twitter* são muito utilizados nas divulgações, privilegiando textos curtos, imagens, vídeos e *stories*. É a maneira mais prática de lembrar aos leitores os conteúdos a serem divulgados, além da possibilidade de socialização entre os *internautas* e com o próprio mediador.

No caso do primeiro *site* citado, percebemos que as postagens realizadas estimulam a sociabilidade entre os *internautas* que podem compartilhar o conteúdo produzido com outros usuários. Santos e Cypriano, nessa perspectiva, destacam que “Criar e manter laços sociais são atividades delicadas, como se sabe, exige atenção, habilidade, disposição, tato”³⁶. Percebemos que estrategicamente cada rede social digital tem uma potencialidade específica que demanda ser compreendida sob a óptica da história intelectual.

³³ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *História Pública: uma breve bibliografia comentada*. (Bibliografia Comentada). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso em: 22 out/ 2021. s.n.

³⁴ No momento da conclusão desse artigo, foi lançado também o livro: *História pública em movimento*. Organizadores: Juniele Rabêlo de Almeida e Rogério Rosa Rodrigues. São Paulo: Ed. Letra e Voz. 2021.

³⁵ Sobre ver: SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 29 Nº 85. junho/2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtzwfCq9Twh6ZGq/?lang=pt>. Acesso em: 28 set./ 2021. p. 69.

³⁶ Sobre ver: SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 29 Nº 85. junho/2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtzwfCq9Twh6ZGq/?lang=pt>. Acesso em: 28 set./ 2021. p. 69.

É oportuno enfatizar, também, o que mencionam Francisco Coelho dos Santos e Cristina Petersen Cypriano, mesmo que a interação realizada na rede seja estimulada pela intervenção de aparatos tecnológicos, “as tecnologias não fazem senão o que seus usuários as fazem fazer no momento em que se apropriam delas”³⁷. Em outros termos, os autores querem mostrar as maneiras e objetivos distintos nos quais essa é utilizada. Destarte, notamos que o mediador, como é verificado nos exemplos que utilizamos, precisa ter ciência do público que visa atingir, assim como desse espaço de ação ou ciberespaço, pois esses se tornam especialistas em atingir também o público não especializado no tema publicado.

Em relação ao público ao qual o conteúdo mediado se destina, Gomes e Hansen³⁸ realçam que esse podem ser seus pares, que já têm certa familiaridade com o tema. Inclusive, parte das referências bibliográficas citadas neste artigo foram subsidiadas pelos conteúdos hospedados nas mídias digitais em análise, sobretudo, os artigos do *Café História*. Também existe a possibilidade de ser delimitado um grupo específico, que pode ser escolar, feminino, uma comunidade étnica e profissional, além daqueles, como já foi enfatizado, que compõem uma ampla e heterógena parcela da sociedade.

Ao analisar, por exemplo, o trabalho realizado pelas mídias digitais da ANPUH, é nítido que o alvo são os historiadores. Mas quando deparamos com os conteúdos compartilhados pelo *Café História* e o *História da Ditadura*, tanto os pares do editor quanto os historiadores são contemplados; assim como os internautas, seja por afinidade, busca pela informação, formação intelectual, cultural ou curiosidade, conseguem acessar as publicações de artigos, entrevistas e vídeos. Isso devido à linguagem que é utilizada na mediação.

Entendemos que é importante destacar o notável desempenho profissional e comprometido desses mediadores. O que não quer dizer também que eles não estejam isentos de críticas e da atuação dos *haters*, visto que, ao lidar com qualquer tipo de público, é comum despertar interesses e opiniões contrárias e diversificadas. Quando se trata de um espaço de comunicação como a *Internet*, esse desafio se torna ainda mais complexo, devido a esses fatores.

Observamos que mesmo os temas urgentes e que despertam interpretações negacionistas no momento atual, sobretudo grupos ligados à “Extrema Direita”, são

³⁷ Sobre ver: SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 29 Nº 85. junho/2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtzwfCq9Twh6ZGq/?lang=pt>. Acesso em: 28 set./ 2021. p. 65.

³⁸ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.19.

apresentados e debatidos, igualmente como percebemos em relação à mediação realizada nas mídias digitais sob a responsabilidade de Paulo Cesar Gomes, o História da Ditadura. Nessas, têm sido mediados relevante debate e contribuição para a formação e esclarecimento dos historiadores e do público de maneira em geral.

Outro exemplo sobre a atual conjuntura negacionista foi destacado no *Café História* em que foi publicada uma entrevista concedida pelo historiador Luis Edmundo de Souza Moraes, o qual afirma que: “A negação existe exclusivamente porque ela é politicamente necessária e, como tal, a fraude é uma condição necessária para o negacionismo”³⁹. O que ocorre, segundo o autor, também com os revisionistas e com tendências conservadoras.

Gomes⁴⁰ reitera a percepção de Moraes⁴¹ ao destacar que “Talvez esse seja um ponto fundamental para afastarmos os maus produtos culturais” e ainda destaca que essa referência é feita não só em relação à produção acadêmica, mas também àquelas oriundas de outros setores da sociedade, uma vez que o que é mediado é o que vai “formar uma consciência histórica na sociedade”. Por isso, torna-se urgente que ela seja ofertada por profissionais comprometidos com um projeto político fundamentado em “parâmetros da ciência e da história do seu tempo”. Tarefa essa que está em curso nas mídias sociais digitais aqui apresentadas de maneira ativa e contundente.

Em se tratando de mediadores culturais, Gomes enfatiza que “Eles são fundamentais para a circulação do conhecimento na sociedade; produzem objetos culturais originais e sem os quais os debates na esfera pública teriam outra forma e importância”⁴². Seja por meio da mediação feita por indivíduos ou grupos, como exemplificamos anteriormente, esses estão integrados, segundo a autora, em redes que estabelecem ocasiões e lugares propícios para que surjam diferentes e novas formas de pensar e sentir.

³⁹ MORAES, Luis Edmundo de Souza. “A negação existe exclusivamente porque ela é politicamente necessária e, como tal, a fraude é uma condição necessária para o negacionismo”. (Entrevista). In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-com-luis-edmundo-de-souza-moraes-sobre-negacionismo/>. Publicado em: 18 out. 2021. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 27 out./ 2021.

⁴⁰ GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos “Intelectuais mediadores”*: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020.

⁴¹ MORAES, Luis Edmundo de Souza. “A negação existe exclusivamente porque ela é politicamente necessária e, como tal, a fraude é uma condição necessária para o negacionismo”. (Entrevista). In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-com-luis-edmundo-de-souza-moraes-sobre-negacionismo/>. Publicado em: 18 out. 2021. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 27 out./ 2021.

⁴² GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos “Intelectuais mediadores”*: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020.

Quando falamos sobre um produto cultural que é divulgado num espaço como a *Internet*, observamos que não podemos nem devemos deixar de sinalizar a questão da desconfiança por partes de “alguns”. Principalmente, em relação, não ao conteúdo especificamente, mas ao próprio meio de divulgação, como uma mídia digital, como a descaracterização ou a banalização daquela produção intelectual que é mediada. Apontamos esse aspecto, exatamente, por perceber que essa discussão não é tão incomum, mormente entre os pares, nesse caso, os historiadores. Castro e Hansen⁴³ corroboram essa “suspeita” ao afirmarem que essa é comum desde períodos anteriores em relação às tecnologias, que permitem um amplo acesso ao conhecimento sistematizado.

Ao retroceder um pouco no tempo, segundo Gomes e Hansen⁴⁴, podemos compreender melhor esse contexto supracitado. A partir das primeiras décadas do século XX, o processo de comunicação foi revolucionado pelo som e imagem, presentes no rádio, na fotografia e no cinema, que passaram a compartilhar o espaço com o texto impresso. Essas mídias foram consideradas fundamentais e decisivas no sentido da divulgação e acesso do público, pensando até naqueles que não sabiam ler nem escrever. As autoras destacam que, muito mais do que uma novidade, foi depositada nessas mídias uma grande esperança. O poder transformador que já atribuíam aos livros e periódicos passou a ser identificado também nos audiovisuais. As possibilidades de divulgação do conhecimento foram aplaudidas por muitos – nem tanto por outros.

Gomes e Hansen afirmam também o fato de ter sido comum que “de um lado, intelectuais saudassem a propaganda de livros, o cinema, o rádio, as revistas em quadrinhos etc., enquanto outros alertassem para os perigos da ‘comercialização’ da cultura, que representaria sua perda de ‘qualidade’”⁴⁵. Elas também lembram o próximo passo que foi dado em relação ao surgimento de novas tecnologias, como a televisão e as mídias digitais, com a *Internet*. Após a Segunda Guerra Mundial, essas mídias passaram a ocupar um lugar de destaque na vida do homem. As mídias anteriores não desapareceram com o advento da *Internet*, mas é inegável a ampla presença dessa na sociedade.

⁴³ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.23.

⁴⁴ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.23.

⁴⁵ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.23.

Uma questão que entendemos como primordial na nossa discussão, e que Gomes e Hansen enfatizam, é que “a mediação cultural é mais uma vez impactada e desafiada a trabalhar com essas novas tecnologias, que alcançam e mobilizam um público incontável e tornam-se linguagem incontornável para crianças e jovens”⁴⁶. E que, na nossa opinião, estende-se aos adultos também. Noutra dicção, sem deixar de reconhecer que existem as desconfiças em relação à mediação cultural por meio das mídias digitais, existem aqueles que as admitem como positiva.

Como é percebido na análise de Gomes e Hansen⁴⁷, o mundo intelectual é impactado como um todo, mas também de maneira específica por essas mudanças e inovações que ocorrem nos vetores culturais. Do nosso ponto de vista, entendemos que os projetos políticos de mediação cultural, os quais abordamos nessa análise, são frutos da percepção das demandas que essas mudanças tecnológicas têm exigido na perspectiva da História Digital, e que esses mediadores estão atentos a isso, principalmente, referente à dinâmica comunicativa e linguagem do produto intelectual.

A discussão apresentada neste artigo destaca precisamente o que já está sendo colocado em prática por esses mediadores e que já tinha sido percebido e recomendado por Gomes em entrevista a Bruno Leal: “Precisamos nos comunicar, crescentemente, com esse grande e diferenciado público, *como vocês vêm fazendo com o Café História*. Cito o caso da História, mas penso que isso aconteceu com outras áreas” (Grifo nosso)⁴⁸. É fundamental destacar a dica da autora, “esse tipo de trabalho, que é o dos intelectuais mediadores, precisa ser reconhecido pela academia”. E foi esse alerta que nos fez dispor da iniciativa de contribuir para esse processo de divulgação do trabalho desses mediadores ao produzir este artigo, uma vez que o debate sobre o uso da História Digital é atual, mas requer de nós esforço e compreensão da sua amplitude.

⁴⁶ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.23.

⁴⁷ GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016. p.23.

⁴⁸ GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos “Intelectuais mediadores”*: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020.

Conclusão

Sem a pretensão de esgotar o assunto neste breve artigo, nosso propósito foi enfatizar a discussão acerca da mediação cultural realizada por meio das mídias digitais. Temos consciência da necessidade de aprofundar esse debate; o contato com a História Digital, por exemplo, é relativamente novo para a maioria dos pesquisadores e professores. Fomos surpreendidos pela pandemia de COVID-19 e a necessidade do isolamento social nos impeliu a lançar mão dessas mídias, seja para fazer uso de uma plataforma para comunicação, seja para uso de arquivos digitais ou até mesmo dos conteúdos publicados na *Internet*, que se tornaram fontes e objetos de análise das pesquisas acadêmicas.

Entendemos e procuramos expor neste artigo que o trabalho dos editores das mídias digitais, quando é realizado com fundamento nos parâmetros da ciência e da história, traz uma enorme contribuição para a sociedade e, especialmente, para nós profissionais. Ter um conteúdo ao alcance de um *click* só é possível pelo fato de ele ter sido mediado e “vulgarizado” por um intelectual empenhado em tal tarefa. A história Digital, evidentemente, não se esgota ou se limita ao conteúdo e à atuação das mídias sociais, contudo, já é um passo importante reconhecer a sua importância nesse processo. Em relação ao papel dos editores retratados aqui, não apenas reconhecemos a relevância do seu trabalho, mas também foi possível compreendê-los sob uma nova perspectiva conceitual, que é a da mediação cultural.

Referências Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH-Brasil. Disponível em: <https://anpuh.org.br/>. Acesso em: 04 set./ 2021.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções de homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAFÉ HISTÓRIA. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/>. Acesso em: 12 set./ 2021.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *História Pública: uma breve bibliografia comentada*. (Bibliografia Comentada). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso em: 22 out/ 2021.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1, 1999.

CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. In. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais e a escrita da história – as contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. *Ver. Escritas*, vol. 8, n. 2, p. 265-278, 2016. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo1240086-os-intelectuais-e-a-escrita-da-hist%C3%B3ria-%E2%80%93-contribui%C3%A7%C3%B5es-metodol%C3%B3gicas-de-jean-fran%C3%A7ois-sirinelli. Acesso em: 23 out./ 2021.

FORTES, Alexandre; ALVIM, Leandro Guimarães Marques. Evidências, códigos e classificações: o ofício do historiador e o mundo digital. *Revista: Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 207-227, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e68270>. Acesso em: 01 out./ 2021.

GOMES, Angela de Castro. A Marquesa de Santos: história, memória e ficção histórica no Brasil da primeira metade do século XX. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 90-103, set.-dez. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/34424>. Acesso em: 26 out./ 2021.

GOMES, Angela de Castro. *O lugar dos “Intelectuais mediadores”*: entrevista com a Angela de Castro Gomes. Entrevistadores: Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira. In: *Café História*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/intelectuais-mediadores-entrevista-angela-de-castro-gomes/>. Publicado em: 31 ago. 2020. ISSN: 2674-5917.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e projetos políticos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela Maria de Castro; KODAMA, Kaori; FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Imprensa e mediadores culturais: ciência, história e literatura. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 34, n. 66, p. 593-600, set/dez 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/YSb994PgNBnjG7PCCmpCb6L/?lang=pt>. Acesso em: 26 out./ 2021.

HISTÓRIA DA DITADURA. Disponível em: <https://www.historiadaditadura.com.br>. Acesso em: 06 set./ 2021.

LEITURA OBRIGA HISTÓRIA. Disponível em: <https://leituraobligahistoria.com/>. Acesso em: 01 set./ 2021.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARGRAF, Tatiane Vargas. História intelectual e mediadores culturais: o caso dos professores da Educação Básica. *Revista: Temporalidades – Revista de História*, ISSN 1984-

6150, Edição 30, v. 11, n. 2, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/14724>. Acesso em: 04 out./ 2021.

MAUAD, Ana M.; ALMEIDA, Juniele R. de; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. “A negação existe exclusivamente porque ela é politicamente necessária e, como tal, a fraude é uma condição necessária para o negacionismo”. (Entrevista). In: Café História. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-com-luis-edmundo-de-souza-moraes-sobre-negacionismo>. Publicado em: 18 out. 2021. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 27 out./ 2021.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 29, n. 85. junho/2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtzwfCq9Twh6ZGq/?lang=pt>. Acesso em: 28 set./ 2021.

RENDEIRO, M. E. L. S. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo. v. 47, n3, p.256-262, set/dez 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/938/93821299009.pdf>. Acesso em 01 out./ 2021.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RODRIGUES, Helenice. O intelectual no campo cultural francês: do Caso Dreyfus aos tempos atuais. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 21, nº 34: p.395-413, julho 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200008. Acesso em: 12 out./ 2021.

ROLLEMBERG, Denise; CORDEIRO, Janaina Martins. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. *História, histórias*, vol. 9, nº 17, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/download/36429/30706/111917>. Acesso em: 23 out./ 2021.

SILVA, Cintia Rufino Franco da. O caso Dreyfus, Émile Zola e a imprensa. *Revista Contemporâneos*, n. 11, 2013. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n11/dossie/Dossie4-reifus.pdf%20>. Acesso em: 08 out./ 2021.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.